



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS – *CAMPUS XVI*
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

ANA LUIZA DAVID NEVES

***BICHOS E A LUSOFONIA: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE A IMPOSIÇÃO
CULTURAL E A RESISTÊNCIA NOS CONTOS DE MIGUEL TORGA***

Irecê – BA
2025

ANA LUIZA DAVID NEVES

***BICHOS E A LUSOFONIA: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE A IMPOSIÇÃO
CULTURAL E A RESISTÊNCIA NOS CONTOS DE MIGUEL TORGA***

Artigo apresentado à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – *Campus XVI*, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Joabson Lima Figueiredo

Irecê – BA
2025

ANA LUIZA DAVID NEVES

BICHOS E A LUSOFONIA: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE A IMPOSIÇÃO CULTURAL E A RESISTÊNCIA NOS CONTOS DE MIGUEL TORGA

Artigo apresentado à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – *Campus XVI*, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Aprovado em 28/ 07/ 2025.

Prof. Dr. Joabson Lima Figueiredo
Universidade do Estado da Bahia
Orientador

Prof^a. Dra. Márcia Maria Barreiros
Universidade do Estado da Bahia
Banca Examinadora

Prof. Msc. Edinan Damasceno Carvalho
PPGEAFIN / Universidade do Estado da Bahia
Banca Examinadora

À minha família, meu alicerce em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Toda essa caminhada trilhada até aqui não seria possível sem um alicerce de excelência, dentre eles, minha mãe, mulher inspiradora que nunca me deixou desistir mesmo em meio as minhas dificuldades, mas sim me ajudava a vencê-las como se fossem suas. Ao meu irmão que sempre me deu apoio e me amparou quando eu mais precisei. Ao meu esposo que se mostrou uma rocha ao meu lado, me ensinando que rotas podem ser recalculadas mesmo em meio ao curso, levando-nos a horizontes deslumbrantes, aproveitando o que se há de melhor.

BICHOS E A LUSOFONIA: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE A IMPOSIÇÃO CULTURAL E A RESISTÊNCIA NOS CONTOS DE MIGUEL TORGA

Ana Luiza David Neves

Joabson Lima Figueiredo

RESUMO: Este artigo visa a reflexão crítica a respeito da obra literária portuguesa *Bichos*, de Miguel Torga, através de uma revisão bibliográfica de materiais que discutem a imposição cultural portuguesa em um constante contraste com a lusofonia, através dessa obra tão bem elaborada que pode ser interpretada como uma alegoria do colonialismo, refletindo a invasão cultural e a dominação de Portugal sobre suas colônias. A relação entre o homem e os animais nos contos pode ser vista como uma metáfora para a relação entre colonizadores e colonizados, onde os animais representam as culturas nativas subjugadas que foram dilaceradas durante todo este processo, expondo a dominação destas nos contos, realizando uma crítica sutil à imposição de uma cultura dominante sobre os povos colonizados. A vida animal é usada como uma metáfora para a existência humana, e os contos ilustram o conflito entre o homem e a natureza. Esses conflitos são representativos das tensões sociais e políticas que marcaram o período em que Torga viveu, especialmente durante o regime salazarista em Portugal (1932 e 1974). O autor retrata a luta pela sobrevivência, tanto dos animais quanto dos seres humanos, num mundo em que forças maiores tentam controlar e subjugar. Torga, assim, oferece uma visão crítica da sociedade, utilizando a relação entre homem e bicho como um espelho das injustiças e dos conflitos sociais da época.

PALAVRAS-CHAVE: Animais; Lusofonia; Colonização; Imposição cultural.

ABSTRACT: This article aims to critically reflect on the Portuguese literary work *Bichos* by Michel Torga, through research and literary analysis of articles, studies and essays that discuss the Portuguese cultural imposition in constant contrast with the Lusophone world, through this well-crafted work that can be interpreted as an allegory of colonialism, reflecting the cultural invasion and domination of Portugal over its colonies. The relationship between man and animals in the stories can be seen as a metaphor for the relationship between colonizers and colonized, where the animals represent the subjugated native cultures that were torn apart throughout this process, exposing their domination in the stories, carrying out a subtle criticism of the imposition of a dominant culture over the colonized peoples. Animal life is used as a metaphor for human existence, and the stories illustrate the conflict between man and nature. These conflicts are representative of the social and political tensions that marked the period in which Torga lived, especially during the Salazar regime in Portugal. The author portrays the struggle for survival, both of animals and human beings, in a world where greater forces try to control and subjugate. Torga, therefore, offers a critical view of society, using the relationship between man and animal as a mirror of the injustices and social conflicts of the time.

KEYWORDS: Animals; Lusophony; Colonization; Cultural imposition.

1 UMA BREVE INTRODUÇÃO AO ESTOPIM DESSE ARTIGO

O objetivo central deste texto é discutir a maneira como a obra *Bichos*, de Miguel Torga, faz alusão à Lusofonia de Portugal, refletindo as sensações e sentimentos do país em relação aos territórios que invadiu durante o período colonial. Através dos contos, Torga ilustra a complexa dinâmica de dominação cultural e política, onde o colonizador impõe seus valores e invalida as culturas já existentes nos países invadidos.

A metáfora central que será explorada é a da relação entre homem e animal, presente em *Bichos*, que pode ser vista como uma representação simbólica dessa relação colonial. Os bichos, muitas vezes subjugados ou incompreendidos pelo homem, representam as culturas nativas que foram silenciadas e dominadas pela intervenção colonial portuguesa. Ao longo do ensaio, será discutido como Torga utiliza a simplicidade aparente dessas narrativas para abordar de maneira crítica o processo de invasão e colonização, refletindo as tensões entre o poder dominante e as culturas marginalizadas. Para compreender a obra *Bichos*, dentro do contexto histórico e cultural, é importante explorar o papel de Portugal como uma potência colonial e sua relação com suas colônias. A era das *Grandes Navegações*, iniciada no século XV, marcou o início de um vasto império colonial português que se estenderia por séculos. Portugal foi pioneiro nas explorações ultramarinas, e suas expansões territoriais começaram com a conquista de Ceuta em 1415, seguidas por uma série de expedições que culminaram na formação de um império que se entendia por África, América do Sul e Ásia (Bittencourt, 2022).

A base do poder colonial português era sustentada pela exploração econômica e pela imposição de valores culturais e religiosos sobre os territórios invadidos. As colônias portuguesas, como Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Brasil, tornaram-se alicerces do comércio de escravos, especiarias e outros bens valiosos que enriqueceram o reino (De Sant'anna; Teixeira, 2022). No entanto, esse processo de expansão colonial teve consequências culturais, sociais e políticas. A política de Portugal em relação às suas colônias foi marcada por uma tentativa constante de dominar, converter e *civilizar* os povos nativos, muitas vezes à custa da destruição de culturas e tradições locais.

Durante o século XIX e o início do século XX, Portugal lutou para manter o controle de suas colônias. Com o avanço das ideologias nacionalistas e a crescente demanda por independência nas colônias, o Império Português começou a enfraquecer. Após a Revolução de 1910 e a queda da monarquia, Portugal enfrentou instabilidade interna e crescente pressão internacional para abandonar suas colônias. No entanto, foi apenas durante a ditadura de

Salazar, com o Estados Novo, que a política colonial foi reforçada com ainda mais vigor, numa tentativa de preservar o que restava do império (Da Rocha, 2023).

A relação de Portugal com suas colônias durante o regime de Salazar foi caracterizada por uma forte repressão e censura. O governo autoritário buscava manter o controle sobre as colônias a qualquer custo, inclusive com o uso de força militar para suprimir movimentos de independência, especialmente em África. A ideologia do regime era centrada na noção de “*Lusofonia*”, ou seja, a ideia de que Portugal tinha um papel civilizador e paternalista sobre os povos colonizados (Da Rocha, 2023). De acordo com Do Couto (2020), a *Lusofonia* é o termo que remete à comunidade de países que têm o português como língua oficial, está associada à herança colonial de Portugal, onde a imposição da língua e da cultura portuguesa nas colônias foi central.

Essa narrativa era utilizada para justificar a continuidade da dominação colonial e a imposição da cultura, da língua e dos valores portugueses sobre as colônias. Contudo, essa *missão civilizadora* muitas vezes resultava na invalidação das culturas nativas. Ao impor sua língua, religião e estrutura política, Portugal apagava ou marginalizava as tradições e identidades locais. Os povos colonizados foram forçados a assimilar elementos da cultura portuguesa, enquanto suas próprias práticas culturais e línguas eram desvalorizadas ou reprimidas. Este processo de *lusofonização* pode ser visto como um instrumento de dominação, que subjuguava as culturas em nome de uma suposta superioridade cultural (Da Rocha, 2023).

A obra *Bichos*, reflete esse cenário histórico, apresentando uma crítica sutil à opressão e à dominação, não apenas no contexto rural português, mas também como uma metáfora para o colonialismo. A natureza e os animais retratados nos contos podem ser interpretados como representações das culturas nativas que foram controladas e silenciadas pela força imperial. Torga, ao colocar o homem em constante conflito com o ambiente natural, simboliza a relação tensa entre o colonizador e o colonizado, sugerindo que a tentativa de dominação sobre a natureza (ou sobre povos nativos) é, em última análise, destrutiva.

No contexto da Lusofonia, o conceito de unidade cultural e linguística entre os países que foram colonizados por Portugal carrega consigo a história da imposição cultural que ocorreu durante o período colonial. Portugal, ao dominar esses territórios, não apenas explorou seus recursos naturais e humanos, mas também impôs sua língua, religião e valores sobre os povos nativos, apagando, ou minimizando, as culturas autóctones. Esse processo de imposição e subjugação encontra ecos na obra de Torga, especialmente em *Bichos*, onde o homem, muitas vezes em busca de controle, enfrenta a resistência da natureza, que simboliza as culturas e identidades locais que lutam para sobreviver diante da dominação (Sampa, 2022, p. 167).

A relação de Portugal com suas colônias é, portanto, um aspecto central para a leitura crítica de *Bichos*. O período em que Torga escreveu a obra, durante o regime de Salazar, reflete uma era de resistência e luta por liberdade nas colônias portuguesas, ao mesmo tempo em que Portugal tentava preservar seu império decadente. Essa dualidade de poder e resistência, presente no colonialismo português, ressoa fortemente nas narrativas simbólicas de *Bichos*, onde as figuras dos animais e a natureza personificam as culturas e identidades que lutam para sobreviver diante da dominação implacável.

2 CONHECENDO A PECULIAR OBRA DE TORGA E SEU ESCRITOR

Bichos é uma das obras mais emblemáticas de Miguel Torga, publicada pela primeira vez em 1940. Trata-se de uma coletânea de contos que explora a relação entre seres humanos e animais, apresentando uma série de histórias onde os bichos ocupam o papel central, representando as forças da natureza e o universo simbólico da vida rural portuguesa. As narrativas são carregadas de uma profunda sensibilidade e lirismos, revelando um mundo onde a fronteira entre o homem e a natureza é tênue, e os animais são dotados de uma dimensão quase humana. As histórias retratam um ambiente rural, marcado por uma profunda ligação com a terra, onde os bichos são simultaneamente figuras de sabedoria e sofrimento, de resistência e submissão. Entre suas principais obras em prosa, destacam-se *Contos da Montanha* (1941), *Bichos* (1940), *A Criação do Mundo* (1937), *O senhor Ventura* (1943) e *Vindima* (1945); na poesia, são notáveis *Rampa* (1930), *Abismo* (1932), *Libertação* (1944), *Lamentação* (1943) e *Poemas Ibéricos* (1965) (Schwertner, 2018).

No que diz respeito ao autor, Miguel Torga, pseudônimo de Adolfo Correia da Rocha, nasceu em 12 de agosto de 1907, em São Martinho de Anta, uma pequena aldeia no norte de Portugal. A esse respeito Costa (2010, p. 16) explica que:

A região de Trás-os-Montes, no norte de Portugal, é conhecida por suas montanhas áridas. Para Torga, sua terra natal está intimamente ligada à realidade ibérica, e ele não via uma separação clara entre Portugal e Espanha, já que ambos os territórios compartilham a mesma terra.

A dureza dessa terra obrigou a família do autor a emigrar para o Brasil. Durante sua adolescência, ele trabalhou na fazenda de café de seu tio em Minas Gerais, e com o apoio financeiro deste, conseguiu estudar e graduar-se em Medicina na Universidade de Coimbra (Schwertner, 2018).

Miranda e Botelho (2022) destacam que Torga cresceu em uma família de agricultores, o que influenciou sua visão do mundo e sua escrita, marcada pela forte conexão com a terra e a ruralidade. Desde cedo, Torga mostrou-se um observador atento das durezas e belezas da vida no campo, uma experiência que permeia grande parte de sua obra literária.

O estilo de Torga é reconhecido por seu apego ao realismo, mas também por uma abordagem profundamente filosófica e poética da existência. Isso porque, o autor combina uma prosa direta, desprovida de excessos, com uma profundidade emocional e intelectual que desafia o leitor a refletir sobre questões existenciais. Sua escrita tem uma relação próxima com o existencialismo, onde a condição humana é exposta em suas fragilidades e tensões, muitas vezes refletindo os conflitos e dilemas da própria natureza. Essa característica é particularmente observada em *Bichos*, onde a vida animal é usada como uma metáfora para a própria existência humana, cheia de lutas, sobrevivência e confrontos. Acerca do Realismo:

O Realismo, surgido em meados do século XIX, procurou aplicar o racionalismo cientificista aos textos literários. A certeza de que se podia estudar o homem e a sociedade, de modo objetivo, guiou os escritores que, buscando negar o subjetivismo dos românticos, postularam uma literatura objetiva, aos moldes da ciência, despido dos dogmas religiosos. Pode-se dizer que, neste sentido, se desenvolveu toda a literatura depois do Realismo. [...] boa parte da literatura do século XX é marcada pela reflexão existencial do homem em confronto consigo mesmo. A prosa muitas vezes se apresenta de forma tão intimista como a poesia, ao passo que o fluxo de consciência se torna um dos estilos mais apreciados pelos escritores modernos. A condição humana, suas experiências pessoais e coletivas, se mostra como um tema recorrente das manifestações artísticas que parecem fazer uma reflexão sobre o “estar no mundo”, reflexão esta que as religiões outrora procuravam conduzir (Ferreira, 2013, p. 37-38).

O impacto de Miguel Torga na literatura portuguesa foi profundo e duradouro. Ao longo de sua carreira, ele escreveu romances, contos, poesia e ensaios, sempre com uma linguagem marcada pela simplicidade, mas rica em significados. Sua obra reflete uma busca constante pela verdade, pelo entendimento da natureza humana e pelo lugar do homem no universo. Torga é frequentemente visto como um dos maiores escritores da literatura portuguesa do século XX, não apenas por sua habilidade literária, mas também por sua capacidade de expressar a realidade do povo português, particularmente aqueles que viviam no campo, em um momento de grandes mudanças sociais e políticas.

Além disso, Torga se destacou por ser uma voz crítica e independente em relação ao regime político vigente em Portugal durante grande parte de sua vida. Mesmo enfrentando censura e perseguição, ele manteve uma posição firme de integridade e liberdade intelectual, o

que lhe valeu tanto admiração quanto hostilidade. Sua obra é, portanto, não apenas uma celebração da vida rural, mas também uma afirmação de resistência e independência, valores que ecoam nas histórias de *Bichos*, onde os animais lutam, sobrevivem e resistem às forças que buscam subjugá-los.

Ao longo de sua carreira, Miguel Torga recebeu vários prêmios literários e foi várias vezes apontado como um dos favoritos ao Prêmio Nobel de Literatura, embora nunca tenha recebido o título. Sua obra continua a ser amplamente estudada e admirada, tanto em Portugal quanto internacionalmente, e *Bichos* permanece como uma de suas obras mais poderosas e representativas, por sua capacidade de capturar a alma da vida rural e seus conflitos existenciais de forma tão visceral e lírica.

É nesse contexto de repressão política e censura que Torga escreve *Bichos*. A ambientação dos contos é predominantemente rural e aldeã (exceto em *Mago*, que se passa na cidade, em *Miúra*, que ocorre em uma arena, e em *Vicente*, que se desenvolve dentro da Arca). O ambiente áspero das histórias frequentemente dialoga com o destino dos personagens. O conto *Vicente*, por exemplo, pode ser interpretado como uma denúncia à opressão imposta pelo regime salazarista, sendo uma das obras mais simbólicas nesse sentido.

A obra reúne uma série de contos que exploram a conexão entre o ser humano e os animais, retratando com profundidade as forças naturais que regem essa relação. O tema central que permeia os contos é a interdependência entre homem e natureza, onde os bichos simbolizam tanto a vitalidade da terra quanto a simplicidade, em contraste com a complexidade da existência humana. Ao longo das narrativas, Torga utiliza os animais para abordar questões existenciais, explorando o lado instintivo e primitivo da condição humana, o que cria uma crítica à desconexão do homem moderno com a natureza.

No entanto, mais do que uma simples exaltação da natureza, a obra de Torga pode ser interpretada como uma alegoria da opressão e invasão cultural. Tal como os animais nos contos são dominados, domesticados ou exterminados, isso reflete a postura colonialista de Portugal ao subjugar povos e culturas durante o período imperialista. Dessa forma, a relação entre homens e bichos também pode ser lida como uma metáfora para a relação entre colonizadores e colonizados, onde a imposição de uma cultura dominante invalida as culturas nativas.

Miguel Torga tem um estilo fortemente enraizado na tradição rural portuguesa, com um lirismo profundo que traz os animais para o centro da narrativa de maneira incomum. A escrita de Miguel Torga em *Bichos* pode ser vista como representativa de uma transição entre a modernidade e a pós-modernidade. Embora fortemente enraizada no realismo, a forma como ele humaniza os bichos, através da descrição de sentimentos e conflitos humanos dentro do

contexto animal e usa a narrativa para explorar questões filosóficas e existenciais o aproxima da modernidade literária, que busca dar voz a figuras antes invisibilizadas na literatura, como os animais.

Além disso, o simbolismo e as alegorias presentes nos contos são características que se aproximam de um pensamento pós-moderno, onde a estrutura narrativa tradicional é desafiada e os elementos da natureza ganham protagonismo simbólico. No entanto, Torga não abandona completamente a tradição literária portuguesa, que tem um forte foco na ruralidade e no apego à terra, tornando sua escrita um ponto de convergência entre a tradição e a modernidade.

Embora não se envolva diretamente em discussões sobre o colonialismo, Torga, através de suas histórias, oferece uma crítica implícita à dinâmica de poder entre o centro e a periferia. O autor expõe o impacto da imposição de uma cultura dominante sobre aqueles que são considerados “inferiores” ou menos civilizados, retratando essa tensão de forma alegórica através da interação entre os personagens humanos e o ambiente natural que os cerca.

A invasão cultural que ocorreu durante o período colonial foi marcada pela imposição de valores europeus aos povos colonizados. A língua portuguesa, a religião cristã e a visão de mundo europeia cheia de fascínio, desdém e constante exploração dos mais fracos, foram forçadas sobre as populações nativas, frequentemente desconsiderando suas tradições e costumes, como suas línguas nativas, religiões de matrizes africanas e indígenas e seus modos de agir e se vestir, dentre outros. Esse processo de aculturação foi uma forma de dominação que visava suprimir as identidades locais e integrar as colônias a um sistema global que beneficiava a metrópole.

3 UMA ANÁLISE CONTO A CONTO

Essa invasão cultural pode ser comparada à forma como os humanos tratam os animais nos contos de *Bichos*. Em diversas histórias, o homem se coloca como superior à natureza e aos animais, tentando dominá-los ou utilizá-los para seus próprios fins. No entanto, Torga muitas vezes inverte essa relação, mostrando que, apesar do esforço humano para controlar e subjugar, a natureza (ou os “bichos”) resiste, revelando uma força própria e uma dignidade que não podem ser facilmente anuladas.

Os animais em *Bichos* simbolizam os povos colonizados que, embora submetidos à dominação, mantêm uma resistência silenciosa e uma identidade própria. Assim como os colonizados que enfrentaram a imposição cultural europeia, os animais nos contos de Torga resistem à tentativa de controle humano, muitas vezes de maneiras inesperadas e sutis. Essa

resistência pode ser lida como uma metáfora para a sobrevivência das culturas nativas que, apesar da aculturação forçada, mantiveram traços de suas tradições e identidades.

A obra de Torga, portanto, não apenas representa interação entre o homem e a natureza como um conflito físico e espiritual, mas também oferece uma crítica sutil à relação colonial, onde a imposição cultural é vista como uma forma de violência contra o *outro*, ao desconsiderarem por completo qualquer opinião contrária advindas dos povos subjugados. Assim como o homem tenta controlar os animais, Portugal tentou dominar seus territórios coloniais, não apenas através da força militar e econômica, mas também através da supressão cultural. Contudo, tanto os animais nos contos quanto os povos colonizados demonstram que a resistência é possível e que a imposição de uma cultura dominante nunca é total.

Em *Bichos*, Torga expõe essa dualidade entre dominação e resistência, sugerindo que, apesar do poder do colonizador ou do homem, a natureza e os “bichos” têm uma dignidade inerente que não pode ser completamente anulada. Essa visão pode ser estendida para a crítica ao colonialismo, onde as culturas invadidas e subjugadas, mesmo que afetadas pela imposição europeia, mantiveram uma capacidade de resistência, afirmando sua identidade e sobrevivendo, apesar da tentativa de apagamento.

Miguel Torga, em sua obra *Bichos*, utiliza a narrativa de contos que personificam animais para oferecer uma crítica incisiva à sociedade e à condição humana. Cada conto, ao dar voz e características humanas aos animais, revela as injustiças e os conflitos da sociedade (Andrade, 2019). Os contos “Nero,” “Mago,” “Madalena,” “Morgado,” “Bambo,” “Tenório,” “Jesus,” “Cega-Rega,” “Ladino,” “Ramiro,” “Farrusco,” “Miura,” “O Senhor Nicolau,” “Miura,” e “Vicente” apresentam uma diversidade de temas, incluindo a opressão, a resistência, a alienação e a luta pela identidade (Torga, 2000).

O primeiro conto apresentado é intitulado *Nero*, que oferece uma reflexão profunda sobre a vida e a morte através da perspectiva de um cão idoso e debilitado. Este texto é emblemático da capacidade de Torga de utilizar a visão antropomorfizada dos animais para explorar questões humanas universais (Lage, 2016).

A escolha de narrar a história do ponto de vista de Nero permite uma introspecção sensível e introspectiva. Nero, já em seus últimos dias, reflete sobre sua existência com uma mistura de resignação e dignidade. A narrativa explora temas como a lealdade, o afeto e a solidão, destacando como o cão, apesar de sua condição de “propriedade” e do tratamento desigual recebido dos membros da família, mantém um vínculo afetivo genuíno, especialmente com a jovem patroa que lhe mostrou carinho (Torga, 2000).

Através dos olhos de Nero, o conto revela a complexidade das relações entre seres humanos e animais, sugerindo que, mesmo em um papel submisso e muitas vezes invisível, os animais desenvolvem vínculos profundos e sentem a perda e a solidão de maneira semelhante aos humanos.

[...] A menina dos seus olhos era a morgada, a filha, que o acariciara como a uma criança. A velha toda a vida o pusera à distância. Dava-lhe o naco de broa (honra lhe seja), mas borrava a pintura logo a seguir: - Ala! E ele retirava-se cerimoniosamente para o ninho. Só a rapariga o aquecera ao colo quando pequeno, e, depois, pelos anos fora, o consentira ao lume, enroscado a seus pés, enquanto a neve, branca e fria, ia cobrindo o telhado. O velho também o apapicava de tempos a tempos. Se a vida lhe corria e chegava dos bens de testa desenrugada, punha-lhe a manápula na cabeça, meigamente, e prometia-lhe a vinda do patrão novo. Porque o seu verdadeiro senhor era o filho, um doutor, que morava muito longe. Só aparecia na terra nas férias de Natal. Mas nessa altura pertencia-lhe inteiramente. Os outros apenas o tratavam, o sustentavam, para que o menino tivesse um cão quando chegasse. Apesar disso, no íntimo, considerava-se propriedade dos três: da filha, do velho e da velha (Torga, 2000, p. 13-14).

Nero vive uma solidão que, embora marcada pela presença de uma família, é também definida pela distância emocional dos membros da casa. O contraste entre o carinho da jovem patroa e a frieza da patroa mais velha exemplifica as diversas formas de tratamento que um ser vivo pode receber e como isso molda a sua experiência de vida. A solidão de Nero é exacerbada pela sua condição de velhice e pela certeza da morte, levando-o a uma reflexão sobre seu lugar e significado na vida da família que o acolheu. Mas esse perfil de lealdade absoluta que marca a personalidade da maioria dos cães, mesmo em meio às mais diversas adversidades e obstáculos, pode ser comparada até mesmo ao cão de Ulisses, um dos heróis da mitologia grega, Argo, que o esperou durante 20 anos enquanto este lutava na guerra. Porém, quando Ulisses retornou para casa, após anos de uma viagem extremamente exaustiva e que lhe cobrou altos preços fisicamente e mentalmente, ele temeu que seus inimigos o reconhecessem e se disfarçou de mendigo - nem mesmo sua esposa o reconheceu, apenas Argo, que o esperou e quando o viu se alegrou e finalmente se deixou morrer, mas não teve a benção de sequer um abraço de seu amado dono.

E retornando ao conto de Nero, apesar de sua situação, este mantém uma dignidade silenciosa. Sua aceitação resignada do lugar onde será enterrado, próximo à figueira, simboliza sua compreensão do ciclo da vida e da morte, refletindo uma aceitação tranquila da sua condição (Torga, 2000). A comparação com outros animais da casa, que não tiveram a sorte de ter um

local de descanso, adicionou uma camada de crítica social sobre o valor dado às vidas e aos destinos dos seres que nos cercam.

Por sua vez, o conto “Mago” apresenta uma reflexão incisiva sobre a tensão entre o conforto da domesticação e a perda da liberdade instintiva. Através da perspectiva de um gato chamado Mago, Torga explora as nuances do desejo de autonomia e a resignação ao comodismo. A história é centrada em Mago, que vive sob os cuidados de D. Maria Saneia, uma senhora que lhe oferece afeto e conforto, mas que também o limita a uma existência sedentária. Esse contraste entre a segurança e a falta de liberdade é o cerne do conflito interno de Mago (Torga, 2000).

De acordo com Costa (2010), o dilema de Mago é emblemático da luta entre o desejo de manter-se em uma zona de conforto e a necessidade de recuperar uma essência mais selvagem e autônoma. A narrativa expõe a insatisfação de Mago com sua vida de comodidade, evidenciando a perda de sua vitalidade e independência que uma vida livre teria proporcionado. Mago se vê em conflito com sua condição atual, marcada pelo conformismo e a falta de desafios. Este conflito interno é refletido em sua rivalidade com Zimbros, um gato que vive livremente no bairro. O confronto com Zimbros simboliza a frustração de Mago com a perda de sua autonomia e a realização de que ele está aprisionado por uma vida confortável, mas sem vitalidade.

O conto utiliza a metáfora da domesticação para discutir como as comodidades da vida moderna podem reprimir a essência instintiva e selvagem dos seres. Mago, embora confortável, se sente diminuído e impotente em comparação com outros gatos que vivem com mais liberdade e vitalidade. A narrativa sugere que a segurança e o conforto podem ser opressivos e sufocar os instintos naturais e a essência vital de um ser, até porque a educação como um todo depende exclusivamente do contexto ao qual o indivíduo está inserido, fazendo assim com que hábitos sedentários tornem o gato inútil nas ruas assim como hábitos selvagens, criado mediante as necessidades individuais e coletivas perante os perigos vividos, não sejam ideais para o convívio em sociedade.

A rendição final de Mago à sua vida de comodidade, apesar de sua repulsa por sua própria fraqueza, é uma reflexão sobre a dificuldade de mudar ou recuperar o que foi perdido. A escolha de Mago de voltar para os braços de D. Maria Saneia, apesar de seu sentimento de fraqueza, é um reconhecimento da inevitabilidade da sua condição e da aceitação do seu papel como dependente.

O conto *Madalena* é uma profunda reflexão sobre a luta da protagonista para manter sua dignidade em meio às adversidades impostas pela sociedade e pelas suas próprias

circunstâncias. Madalena descreve a jornada angustiante de uma mulher grávida que enfrenta as dificuldades da Serra Negra para esconder sua gravidez fora do casamento (Torga, 2000). A decisão de Madalena de escalar a serra, apesar das dores de parto e da exaustão, simboliza a sua determinação em preservar seu segredo e evitar o julgamento de uma sociedade conservadora. A narrativa revela uma luta interna e externa, refletindo o conflito entre a vontade individual e as normas sociais opressivas.

Madalena arrastava-se a custo pelo íngreme carreiro cavado no granito, a tropeçar nos seixos britados por chancas e ferraduras milenárias. De vez em quando parava e, através dum postigo aberto na muralha das penedias, olhava o vale ao fundo, já muito longe, onde o corpo lhe pedira para ficar, à sombra de um castanheiro. O corpo. Porque a vontade fizera-a atravessar ligeira a frescura tentadora da veiga e meter-se animosa pela encosta acima. Tudo estava em chegar a Ordonho a tempo da sua hora. Por isso, era preciso reagir contra a própria natureza e andar para diante, custasse o que custasse (Torga, 2000, p. 35).

O cenário da serra, desolado e implacável, serve como uma metáfora para a indiferença e a crueldade do mundo em relação ao sofrimento de Madalena. A dificuldade física e emocional enfrentada pela protagonista é uma representação da opressão e do abandono que ela experimenta, exacerbados pela ausência de suporte do pai da criança, Armindo, que a vê apenas como um objeto de desejo, sem qualquer responsabilidade, cenário este, extremamente comum na sociedade atual. Assim, o sofrimento de Madalena não é apenas físico, mas também profundamente emocional, marcado pelo julgamento e pela exclusão social. Sua escolha de enfrentar a situação sozinha, sem buscar ajuda, é um reflexo de sua luta para preservar sua dignidade em um cenário onde ela é vista como uma transgressora moral.

A narrativa explora o simbolismo da serra como um espaço de resistência e sofrimento, onde o corpo de Madalena se torna o palco de sua luta pela autonomia e controle sobre sua própria história. O parto, descrito de forma gráfica e dolorosa, simboliza a culminação de sua resistência e o sacrifício final de seu segredo. A morte do filho e o sepultamento com suas próprias mãos são momentos de desespero e resignação, marcando o fim de sua jornada de dor e a negação da sua própria história. Cenário este, não tão diferente do Brasileiro onde mais de 100.000 crianças foram registradas sem o nome do genitor só em 2023 (Barros, William. Arcoverde, Léo. 2023).

Já o conto *Morgado* é uma narrativa penetrante que examina a dinâmica de exploração e sofrimento entre um jumento e seu dono. A história, que se desenrola durante uma jornada

noturna em condições adversas, expõe de forma crua e simbólica as complexas relações de poder e a desumanização dos seres em situações de subordinação (Torga, 2000).

No início, a relação entre o patrão e Morgado, o jumento, parece ser marcada por um cuidado superficial. O patrão é retratado como alguém que, à primeira vista, demonstra um certo nível de consideração pelo animal. No entanto, essa aparente preocupação revela-se uma fachada, pois a verdadeira natureza do relacionamento é de exploração e egoísmo.

Morgado, um jumento leal e resiliente, enfrenta uma vida marcada pela fome, cansaço e exploração constante. O conto detalha o sofrimento do jumento, evidenciando como ele está preso a uma vida de trabalho árduo e negligência, refletindo a natureza brutal e pragmática do patrão. A narrativa ganha tensão quando Morgado e seu dono enfrentam uma jornada noturna em condições climáticas adversas. O ataque de uma alcateia de lobos serve como o clímax da história e um ponto de virada significativo. Durante o ataque, o patrão, em desespero, opta por abandonar Morgado para salvar a própria vida. Esse ato revela a crueldade e o egoísmo do patrão, contrastando com a lealdade e o sofrimento do jumento.

O abandono de Morgado é um momento de intenso simbolismo e crítica social. Embora Morgado tenha servido fielmente ao seu dono, ele é sacrificado sem remorso verdadeiro. A decisão de abandonar o jumento em um momento de perigo máximo destaca a desumanização e a falta de valor atribuída à vida animal, reforçando a crítica à exploração e à indiferença dos seres humanos para com os que ele julga mais fracos.

O conto utiliza a figura de Morgado como um símbolo da exploração e da opressão dos mais vulneráveis. Através da narrativa, Torga (2000) critica a desumanização e a exploração sistemática dos seres que estão em posição de subordinação. A linguagem e a perspectiva adotadas no texto transmitem o ponto de vista do jumento, humanizando-o e permitindo ao leitor sentir sua dor e sofrimento de forma mais direta e empática.

O conto *Bambo*, oferece uma rica reflexão sobre a relação entre o ser humano e a natureza, abordando temas de ignorância, sabedoria e conexão profunda com o mundo natural. Através da figura do sapo Bambo e das experiências de Tio Arruda, o conto explora como a observação silenciosa e a contemplação da natureza podem proporcionar uma compreensão mais profunda da vida.

No início da narrativa, o menino que machuca Bambo pode ser interpretado como a ignorância e a violência que emergem de medos e superstições. A influência de Joana Angélica, com suas histórias de feitiçaria, representa a maneira como as crenças infundadas e o medo do desconhecido podem levar a atos de crueldade. O ato de ferir o animal é uma manifestação

física desse medo e dessa ignorância, refletindo a desconexão da sociedade com o verdadeiro significado da natureza e dos seres que a habitam (Torga, 2000).

A mudança de perspectiva ocorre com a introdução de Tio Arruda, um homem que, após uma vida de trabalho árduo e desilusão, encontra em Bambo uma nova forma de compreensão. O sapo, inicialmente visto como um mero objeto de curiosidade, se torna um símbolo de sabedoria silenciosa para Tio Arruda. Através da observação de Bambo, Tio Arruda começa a apreciar a natureza de uma maneira mais profunda e contemplativa, indo além de uma visão utilitária da terra.

O desfecho do conto é marcado por uma nota melancólica. A morte de Tio Arruda resulta na perda do conhecimento adquirido através da contemplação de Bambo. Esse desfecho sugere que, apesar da possibilidade de uma compreensão mais profunda e verdadeira do mundo natural, a sabedoria muitas vezes não é valorizada ou mantida, sendo eclipsada por preocupações mais superficiais e imediatas.

O conto *Tenório* é uma narrativa repleta de simbolismo e personificação que explora temas de orgulho, hierarquia e competição. A história acompanha a trajetória de Tenório, um galo que, desde sua infância como um simples frango, ascende a uma posição de liderança no galinheiro. Através de Tenório, Torga (2000) oferece uma metáfora sobre a condição humana, explorando sentimentos como a ânsia de afirmação, o medo da obsolescência e a luta pela relevância.

O conto inicia-se com Tenório ainda como um frango, e sua transformação em um galo imponente é marcada por uma série de provas de sua masculinidade e liderança. A trajetória de Tenório no galinheiro é repleta de desafios e rivalidades, especialmente com um galo vizinho com quem disputa a supremacia. Esses momentos de confronto e triunfo são representações simbólicas da luta pelo poder e pelo reconhecimento, refletindo a ambição humana e a necessidade de se afirmar em um ambiente competitivo.

A maneira como Tenório confronta seus rivais e demonstra sua força e poder ilustra o orgulho e a determinação, características que muitas vezes estão presentes na busca pela liderança e pela superioridade dentro da sociedade humana. No entanto, sua liderança também é ameaçada pela chegada de seu próprio filho, que surge como um potencial concorrente. Esse aspecto da história enfatiza o medo da perda de relevância e o desafio de manter a posição de poder em um ambiente em constante mudança.

A relação entre Tenório e seu filho é uma metáfora poderosa para o medo da obsolescência e a busca por relevância. À medida que o filho começa a se destacar, Tenório enfrenta o dilema de como lidar com a nova geração que ameaça sua posição. Esse confronto

entre gerações reflete a tensão entre o desejo de manter a liderança e a inevitabilidade do surgimento de novos competidores. A insegurança de Tenório em relação ao futuro é uma representação do medo humano de se tornar irrelevante e de ser superado pelos mais jovens (Schwertner, 2018).

O conto *Jesus* é uma narrativa que celebra a inocência infantil, o encantamento e a simplicidade da vida rural. Através de uma pequena descoberta no cotidiano, o conto explora a magia e a pureza da infância, contrastando com a indiferença e o desencanto da vida adulta. O centro da narrativa é uma criança que encontra um ninho com um ovo e, em sua inocência e encantamento, compartilha sua descoberta com os pais. A maneira como o menino descreve sua experiência e o “milagre” do ovo se transformar em um *pintassilgo* refletem a pureza e o maravilhamento típicos da infância. A visão da criança transforma um evento simples em algo mágico, evidenciando a capacidade da infância de encontrar maravilhas no mundo cotidiano (Schwertner, 2018).

A reação dos pais à descoberta do menino é contrastante e revela diferentes aspectos da vida adulta. A mãe, ao contrário do pai, está profundamente emocionada e envolvida com a história do filho, demonstrando uma conexão íntima e afetuosa com ele. Sua reação demonstra uma empatia e uma capacidade de se conectar com a magia da infância. Em contraste, o pai inicialmente mostra indiferença, focado mais em seus próprios pensamentos e na comida. Sua mudança de perspectiva, ao reconhecer a importância da descoberta, reflete a influência do encantamento infantil e a necessidade de os adultos se reconectarem com a maravilha e a simplicidade que a vida pode oferecer. Um dos aspectos mais marcantes do conto é o elemento de milagre ou magia, simbolizado pelo ovo que se transforma em um pintassilgo quando o menino o beija.

Mas a criança, apesar de mostrar, sem querer, que de todo se alheara do abismo sobre que pairava, não caiu. Acontecera outra coisa. Depois de pegar no ovo, de contente, dera-lhe um beijo. E, ao simples calor da sua boca, a casca estalara ao meio e nascera lá de dentro um pintassilgo depenadinho (Torga, 2000, p. 70).

O conto sugere uma reflexão sobre a maneira como a experiência e a percepção da infância podem impactar e transformar a vida dos adultos ao seu redor. A história termina com a imagem do menino adormecido no regaço da mãe, simbolizando a paz e a felicidade que ele encontrou na sua pequena maravilha. Isso representa a importância de manter viva a capacidade de encontrar encantamento e beleza no cotidiano, mesmo para os adultos que podem ter se tornado desencantados com o mundo (Ruy, 2021).

Mas também, outra interpretação pode ser tirada dessa narrativa de *Jesus*, onde o ovo representa as nações que ainda não *evoluíram* sem o manejo da tão majestosa Portugal. A exemplo de Brasil, terra essa virgem, de uma cultura própria e indígenas perspicazes de educação necessária e adaptada à sua sociedade, que seguiria o curso natural da vida sem a influência externa advinda de terras longínquas, porém, chegou Portugal, com um verdadeiro encanto fantasioso de que esse povo necessitava ser resgatado dessa vida *precária, sem educação e primitiva*. Então esse povo foi retirado de seu habitat natural, colocado em um novo cenário a ele imposto, com uma nova cultura, costumes e linguagem, sem qualquer poder de argumentação contrária, já que para a majestosa *criança*, aquilo tudo era um milagre.

O conto *Cega-Rega* é uma metáfora da metamorfose, ilustrando o processo de crescimento e evolução do personagem. Desde sua fase inicial como embrião até sua fase adulta, a narrativa detalha o árduo caminho percorrido, simbolizando os desafios e esforços necessários para alcançar a realização pessoal. A transformação de Cega-Rega é uma alegoria para a luta e o desenvolvimento contínuo que qualquer indivíduo enfrenta para atingir seu potencial máximo.

Cega-Rega enfrenta os desafios da metamorfose de maneira solitária e autossuficiente. Sua jornada é marcada pela independência e pela ausência de apoio externo, destacando que a verdadeira conquista reside na realização pessoal e na aceitação do próprio processo. A solidão da personagem enfatiza a ideia de que o valor de uma conquista não depende da aprovação ou da ajuda de outros, mas sim da satisfação interna e da própria realização.

O personagem Cega-Rega enfrenta a incompreensão de outros seres, como o pardal e o camponês, que não compreendem sua alegria e seu canto. Esse aspecto do conto reflete a ideia de que cada ser possui uma perspectiva única e que o reconhecimento da própria existência e conquista não depende da aprovação externa. A busca por compreensão e reconhecimento é, portanto, uma questão interna e pessoal, mais ligada à aceitação de si mesmo do que à validação pelos outros.

O canto de Cega-Rega representa a vitória pessoal e a realização. Sua voz vibrante simboliza a celebração do sucesso e da transformação, contrastando com a visão mais pragmática e imediatista de outros personagens que não entendem sua exultação. O canto é um símbolo de triunfo sobre as adversidades e uma expressão da alegria resultante da transformação e do crescimento pessoal.

O conto *Ladino* é uma sátira social que explora comportamentos humanos e sociais por meio da figura de um pardal astuto e preguiçoso. Através de uma narrativa rica em ironia e

humor, o conto oferece uma crítica mordaz sobre a preguiça, a esperteza e a falta de responsabilidade, refletindo sobre as escolhas e atitudes humanas em um cenário natural.

Ladino, o protagonista, é um pardal que se destaca por sua astúcia e habilidade em evitar trabalho. Sua personalidade é marcada por um comportamento manhoso e uma preguiça evidente, revelando uma inclinação para aproveitar as vantagens da vida sem esforço. Ao longo do conto, o personagem utiliza sua esperteza para fugir das responsabilidades que outros pássaros enfrentam, refletindo o tipo de pessoa que busca esquivar-se das tarefas e das dificuldades, preferindo uma vida de conforto e facilidade.

A crítica social neste conto é evidente através da figura de Ladino, que representa a avareza, a preguiça e o desprezo pelas responsabilidades. A narrativa é carregada de ironia e sarcasmo, especialmente nas reflexões de Ladino sobre suas próprias artimanhas e sobre os outros ao seu redor. Esse tom irônico revela a hipocrisia presente na vida de Ladino, contrastando com a realidade mais difícil enfrentada por outros personagens, e oferece uma crítica incisiva sobre a desumanização e a falta de ética (Costa, 2010).

Ladino sugere uma reflexão profunda sobre a moralidade e a validade das escolhas de vida baseadas na esperteza e na falta de escrúpulos. Ladino, ao representar uma visão cínica da vida, questiona as implicações éticas e morais de viver uma vida de engano e aproveitamento. A narrativa oferece uma visão crítica e divertida da sociedade, evidenciando a natureza humana e os contrastes entre o comportamento de Ladino e a realidade enfrentada pelos outros.

O conto *Ramiro* oferece uma análise penetrante da psicologia de um personagem imerso em um ambiente árido e isolado. Ramiro é um homem de poucas palavras, cuja vida é profundamente influenciada pelo ambiente desolado do Marão. Este lugar árido reflete o estado emocional e psicológico do personagem, criando uma atmosfera de solidão e desesperança.

Para Ruy (2021), a ausência de comunicação verbal de Ramiro é tanto uma característica pessoal quanto uma adaptação ao ambiente inóspito em que vive. A sua incapacidade de expressar seus sentimentos, especialmente seu desejo não correspondido por Rosa, simboliza uma frustração e uma solidão internalizadas. Sua luta interna é evidenciada por sua incapacidade de articular seus sentimentos e sua falta de habilidade para se conectar com o mundo ao seu redor.

A reação silenciosa de Ramiro frente à tragédia revela sua incapacidade de expressar emoções e a tendência a reprimir sentimentos. O ato final de violência, quando Ramiro ergue a foice em direção a Ruela, simboliza o colapso de sua capacidade de manter o silêncio. Este momento de intensidade revela a acumulação de tensão e fúria reprimida, culminando em um desfecho trágico que reflete a profunda crise emocional do personagem.

O conto *Farrusco* é uma narrativa encantadora e bem-humorada que explora temas como desilusão, esperança e a interconexão entre a natureza e a vida humana. Farrusco, o melro, é apresentado como um personagem alegre e solidário, cuja presença traz um sopro de renovação ao ambiente. Sua risada contagiante e sua atitude otimista contrastam fortemente com o pessimismo do cuco, que desempenha o papel de um oráculo cruel e indeciso. Enquanto o cuco oferece previsões desalentadoras para Clara, Farrusco se destaca como um símbolo de alegria e esperança, trazendo uma nova perspectiva e iluminando a narrativa com sua energia positiva.

O ambiente ao redor do Lenteiro é descrito como vibrante e dinâmico, com uma sinfonia de sons naturais que celebra a interação harmoniosa entre os seres vivos. A presença de rãs, grilos e pássaros contribui para criar uma atmosfera viva e repleta de vida, contrastando com a melancolia que Clara enfrenta. A transformação da atmosfera, movida pela resposta alegre de Farrusco à desilusão de Clara, evidencia como a natureza pode ser uma fonte de renovação e esperança.

O conto explora a desilusão de Clara com o cuco e a subsequente elevação emocional que ela experimenta graças à intervenção de Farrusco. A história sugere que, mesmo em momentos de desânimo e tristeza, a esperança e a alegria podem emergir de fontes inesperadas. *O Farrusco* simboliza a profunda conexão entre os seres humanos e a natureza, demonstrando como a energia e a vivacidade da natureza podem influenciar e elevar o espírito humano (Costa, 2010).

O conto *Miura* apresenta uma crítica contundente ao espetáculo cruel das touradas, utilizando a perspectiva de um touro, *Miura*, para explorar temas de dor, indignidade e opressão. Através da personificação e de uma narrativa visceral, Torga oferece uma reflexão profunda sobre a brutalidade da tourada e a condição dos animais em sistemas opressivos.

A narrativa é conduzida do ponto de vista de Miura, o touro, o que proporciona uma imersão na experiência de sofrimento do animal. Esta perspectiva permite ao leitor vivenciar de forma mais intensa a angústia e o desespero de Miura, através da personificação que atribui emoções humanas como raiva, vergonha e desespero ao touro. Essa abordagem intensifica a empatia do leitor, ao colocar o sofrimento do animal em foco, revelando a crueldade da tourada de maneira mais impactante.

O conto critica a brutalidade e a exploração inerentes à prática das touradas. Miura, forçada a lutar e sofrer por entretenimento humano, torna-se um símbolo da exploração cruel dos animais. O tema da resistência versus submissão é central na narrativa. Miura demonstra uma resistência digna, mas sua força é eventualmente esmagada pela crueldade do espetáculo

e pelo sistema opressor que o circunda. Sua submissão final simboliza a derrota diante de uma força opressiva e inescapável.

No conto *O Senhor Nicolau*, Torga (2000) oferece um retrato satírico e comovente de um personagem que se destaca pela sua obsessão e excentricidade. O Sr. Nicolau, um homem cuja vida é dedicada à coleção de insetos, representa uma forma de existência que, apesar de ser vista com desdém pela sociedade, é profundamente significativa para ele. A narrativa explora temas como a obsessão, o isolamento e a indiferença social, utilizando ironia e sátira para oferecer uma crítica mordaz ao comportamento social e à valorização individual.

A devoção do Sr. Nicolau à sua paixão pelos insetos é a força motriz de sua vida. Desde a infância, ele se distancia das expectativas normativas e mergulha completamente no estudo dos insetos. Sua dedicação é tão extrema que sua existência gira em torno dessa atividade, criando um ambiente meticuloso e detalhado para sua coleção. O retrato de Nicolau como alguém que encontra significado e propósito em um campo marginalizado destaca a profundidade de sua obsessão, revelando a intensidade de seu compromisso pessoal.

O Sr. Nicolau é marginalizado pela sociedade, que não compreende sua obsessão e o considera uma figura excêntrica e curiosa. Sua paixão pelos insetos é vista com desdém e indiferença pelos habitantes de Pedornelo, refletindo uma crítica à maneira como a sociedade avalia e valoriza as contribuições individuais com base em suas próprias normas e expectativas. O desprezo e a falta de compreensão pelos outros evidenciam o conflito entre a individualidade de Nicolau e os padrões estabelecidos pela sociedade.

No final do conto, a serenidade com que o Sr. Nicolau aceita sua morte e seu desejo de ser lembrado corretamente em latim refletem uma aceitação final de sua identidade e legado. A ironia reside no fato de que, mesmo em sua morte, ele continua a ser tratado com a mesma indiferença que o marcou em vida. Esta aceitação de sua própria identidade e legado destaca a complexidade do sentido da vida e o valor das paixões pessoais, independentemente do reconhecimento social.

O conto que apresenta Vicente, o corvo, oferece uma reflexão profunda e simbólica sobre resistência e liberdade através da figura de um animal que se destaca em um evento bíblico. Vicente, como personagem central, representa uma luta contra a ordem divina e as imposições do destino.

Vicente é um símbolo de resistência contra o plano divino de destruir a criação. Sua recusa em retornar à Arca e sua fuga representam um desejo de autonomia e um desafio à autoridade divina. Esse comportamento destaca um espírito de insubordinação, revelando a complexidade da busca por liberdade mesmo diante de forças maiores que controlam o destino.

Vicente, ao se opor ao plano de Deus, encarna a luta pela liberdade e a resistência à opressão, oferecendo um contraponto à ordem divina estabelecida (Costa, 2010).

A reação de Deus ao desaparecimento de Vicente e a subsequente busca por ele ilustram a tensão entre a vontade divina e a individualidade. A angústia de Noé e a ordem divina para encontrar Vicente refletem a seriedade da situação e a importância simbólica do corvo na narrativa. A preocupação divina com a fuga de Vicente e o impacto disso no plano de destruição revelam a interconexão entre os desejos individuais e as diretrizes divinas, sublinhando a complexidade da interação entre o poder absoluto e a resistência pessoal.

O cenário de destruição contínua, onde a terra firme se desvanece sob as águas, serve como uma metáfora para a luta pela sobrevivência e o confronto com o destino imposto. Vicente, ao permanecer em um pequeno pedaço de terra, simboliza a resistência final contra a imposição divina. A imagem de um último refúgio em meio ao caos destaca a dignidade da luta e o desejo de preservar a liberdade mesmo diante da adversidade implacável. A persistência de Vicente contra a destruição iminente oferece uma visão poderosa da resistência humana e animal frente ao poder absoluto.

Após a exposição de cada conto que compõe a obra *Bichos* é possível identificar através das personagens e situações descritas, que Torga oferece um espelho das tensões, sentimentos e sensações que Portugal experienciou em seu papel de potência colonizadora, refletindo sobre a invalidação das culturas locais e imposição de uma nova ordem. A obra pode ser interpretada como uma metáfora para a maneira como Portugal, ao longo de sua história colonial, impôs suas próprias normas e valores sobre as culturas que encontrou. Em muitos contos, como *Nero*, *Mago* e *Madalena*, há uma clara representação da imposição cultural e da maneira como Portugal tentou invalidar as tradições e crenças existentes.

A solidão e a indiferença enfrentadas por personagens como o Sr. Nicolau, em *O Senhor Nicolau*, são representações da marginalização e do desprezo pela individualidade e pelos valores locais. A obsessão do Sr. Nicolau com sua coleção de insetos e a sua vida isolada em meio ao desprezo dos outros podem simbolizar a maneira como as culturas locais foram frequentemente ignoradas e desprezadas pelos colonizadores, que não conseguiram ver a importância e o valor das tradições locais.

Em *Vicente*, a luta do corvo contra a ordem divina e a sua tentativa de resistir à destruição final podem ser vistas como uma metáfora para a luta das culturas colonizadas contra o destino imposto pelos colonizadores. A resistência de Vicente, apesar de sua impotência final, representa a dignidade e o esforço das culturas locais em preservar sua identidade frente a uma força esmagadora.

Portanto, a Lusofonia refere-se ao conjunto de países e comunidades que têm a língua portuguesa como idioma oficial ou predominante, abrangendo não apenas Portugal, mas também nações como o Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, e Timor-Leste. Esta conexão linguística promove um sentido de identidade cultural compartilhada, onde as tradições, histórias e valores se entrelaçam através do idioma comum, porém, nunca deixando de serem subalternas culturalmente a Portugal, pois a Lusofonia têm esse peso intrínseco ao seu significado. Com isso, a obra *Bichos* oferece uma visão crítica e profunda sobre a relação de Portugal com as culturas que encontrou e tentou dominar. Através de personagens e situações que ilustram a imposição cultural, a resistência, a solidão e a indiferença, Torga reflete sobre a complexidade da experiência colonial e a invalidação das culturas locais. A Lusofonia, como um reflexo da história colonial de Portugal, é abordada na obra como um espaço de tensão e confronto entre o poder colonizador e as culturas marginalizadas, oferecendo uma visão crítica sobre as consequências da imposição cultural aqui descritas, como a invalidação da cultura nativa que pode gerar um sentimento de revolta contra os colonizadores e a luta pela preservação da identidade local.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, buscou-se analisar a obra *Bichos* a partir de uma perspectiva que vai além da sua superfície rural e aparentemente simples, investigando as camadas simbólicas e críticas presentes em seus contos. A proposta foi interpretar a relação entre homem e animal como metáfora das relações coloniais vividas por Portugal e suas colônias, especialmente no contexto da Lusofonia, marcada pela imposição cultural, pela exploração e pelo apagamento de identidades nativas.

Partindo do contexto histórico do colonialismo português, ficou evidente que a noção de Lusofonia foi construída a partir de um discurso ideológico que buscava legitimar a dominação colonial. A língua, a religião e os valores portugueses foram apresentados como instrumentos de civilização, enquanto as culturas locais foram desvalorizadas e sistematicamente reprimidas. Nesse sentido, a imposição da cultura portuguesa sobre os povos colonizados configurou-se como um processo de aculturação violento, que teve consequências duradouras nas sociedades afetadas.

Bichos, publicada em 1940, durante o regime autoritário de Salazar, surge como uma resposta literária e crítica a esse cenário. Ainda que não aborde o colonialismo de forma direta, a obra se estrutura em torno de alegorias que permitem múltiplas leituras — dentre elas, a leitura

política e histórica. Os animais que protagonizam os contos simbolizam, com frequência, sujeitos marginalizados, oprimidos, que, apesar de subjugados, mantêm sua dignidade, identidade e resistência, mesmo que isso signifique algumas vezes a morte. Assim como os povos colonizados, os bichos de Torga carregam a marca da dominação, mas também o potencial da insubmissão.

A metáfora da relação entre homem e bicho evidencia a lógica de poder que sustenta o colonialismo: o desejo de controle absoluto sobre o outro, a supressão do instinto e da liberdade em nome de uma ordem imposta, e a violência que permeia esse processo. No entanto, os contos de Torga revelam que tal dominação nunca é completa. Em muitos momentos, os animais resistem — seja por meio do silêncio, da fuga, da recusa ou da permanência de seus traços mais autênticos. Essa resistência silenciosa é fundamental para compreender o paralelo com os povos colonizados, que, mesmo diante da imposição cultural, preservaram elementos de sua identidade e encontraram meios de subverter a lógica do colonizador.

A análise conto a conto também reforçou essa leitura, demonstrando como a perspectiva dos animais oferece uma crítica ao antropocentrismo e à arrogância humana. Contos como “Nero” ilustram, com sensibilidade, as dores e os vínculos afetivos desses seres, humanizados por Torga para que o leitor se confronte com suas próprias contradições e práticas de dominação. Ao tratar os animais como sujeitos dotados de consciência e sentimentos, o autor rompe com a tradição literária que os objetificava, dando-lhes voz e agência, o que pode ser lido como um gesto político e ético.

Nesse sentido, a crítica à imposição cultural não se restringe apenas ao colonialismo português, mas pode ser ampliada para qualquer forma de dominação que busca suprimir a alteridade em nome de um projeto homogêneo de identidade. Torga nos convida a refletir sobre a violência simbólica presente nas relações de poder, sobre o direito à diferença e sobre a necessidade de escuta e empatia com aquilo que é considerado “outro” — seja um povo, uma cultura ou um animal.

Portanto, *Bichos* é mais do que um conjunto de contos sobre a vida rural: é uma poderosa alegoria sobre as estruturas de opressão e resistência que atravessam a história humana. Através de uma linguagem aparentemente simples, Miguel Torga constrói uma obra de densidade filosófica e política, que nos interpela a repensar nossas relações com a natureza, com o outro e com a história. A leitura crítica aqui proposta buscou evidenciar como essas narrativas podem ser lidas como metáforas da experiência colonial, iluminando aspectos muitas vezes silenciados na historiografia oficial.

Assim, ao revisitar *Bichos* através do contexto da Lusofonia e do colonialismo português, reafirma-se a importância da literatura como espaço de resistência, memória e questionamento. Miguel Torga, com sua escrita sensível e incisiva, oferece ao leitor não apenas uma denúncia velada das injustiças de seu tempo, mas também uma reflexão atemporal sobre o que significa estar no mundo, coexistir com o outro e preservar a dignidade frente à opressão.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Débora Cristina Longo. Uma análise das vozes em Madalena: a mulher entre os Bichos, de Miguel Torga. **Revista Alpha**, v. 20, n. 1, p. 101-112, 2019.
- BITTENCOURT, Rodrigo do Prado. Colonizar ou não colonizar, eis a questão. Portugal e suas possessões africanas no século XIX. **Revista Histórica: Debates e Tendências**, v. 22, n. 1, p. 81-93, 2022.
- CAVICHIOLO, Bruno Gazalle; GALLO, Carlos Artur. Entre Deus e o Estado: Salazar, Franco e a Igreja Católica nas ditaduras ibéricas do século XX. **Revista Memória em Rede**, v. 14, n. 27, p. 309-334, 2022.
- BARROS, William. ARCOVERDE, Léo. **Brasil registrou mais de 100 mil crianças sem nome do pai só neste ano**. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/08/13/brasil-registrou-mais-de-100-mil-criancas-sem-o-nome-do-pai-so-neste-ano-sao-quase-500-por-dia.ghtml>. Acesso em: 20 Abr. 2025.
- COSTA, Alexandre Emidio. **Os Bichos de Miguel Torga: o retorno ao elo perdido**. Dissertação (Pós-Graduação em Literatura Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-30042010-115629/publico/ALEXANDRE_EMIDIO_COSTA.pdf. Acesso em: 20 ago. 2024.
- DE SANT'ANNA, Alessandra; TEIXEIRA, Carolina Mara. Paisagem e relações inter-raciais no Rio de Janeiro Colonial: Figuração e diástase social na Pequena África a partir da produção de Jean Baptiste Debret durante a Missão Artística Francesa. **Pixo: Revista de Arquitetura Cidade e Contemporaneidade**, v. 6, n. 23, 2022.
- DO COURO, Filipe Abraão Martins. Lusofonia: um conceito em vias de extinção na Filosofia Portuguesa e na Filosofia Africana. **Revista Philorosae**, n. 3, p. 107, 2020.
- FERREIRA, Vagner da Silva. **O Esvaziamento do Sagrado em Miguel Torga**. Dissertação (Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural) – Universidade Estadual de Feira de Santa, Feira de Santana, Bahia, Brasil, 2013. Disponível em: <http://200.128.81.65:8080/bitstream/tede/335/2/O%20esvaziamento%20do%20sagrado%20e%20m%20Miguel%20Torga%20-%20Vagner%20Ferreira.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.
- LAGE, Maria Otília Pereira. Vale e ferrovia do Tua, um poema geológico: natureza e orba. **CEM - Cultura, Espaço & Memória: Revista do CITCEM**, n. 7, 2016.

RUY, Leonardo Seneme. **Bicho-homem ou Homem-bicho?** Uma leitura Ecocrítica de Bichos, de Miguel Torga. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português-Espanhol) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 2021. Disponível em:

<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/14753/TCC%20Leonardo%20vers%c3%a3o%20BCO%20corrigida.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 ago. 2024.

SAMPA, Eurico Paulo. **Os precedentes históricos e políticos impossibilitaram a instituição da língua guineense no ensino na Guiné-Bissau.** Descrição linguística, educação e cultura em contextos pós-coloniais, p. 161, 2022.

SCHWERTNER, Matheus Von Ende. **Sobre Animais e Homens:** Uma análise das personagens de Bichos, de Miguel Torga. Trabalho de Conclusão de Curso (Português e Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/30639/TCC%20MATHEUS%20VON%20ENDE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 ago. 2024.

TORGA, Miguel. **Bichos.** Lisboa: Editora Planeta de Agostini, 2000.